

# Trans

REVISTA TRANSCULTURAL DE MÚSICA  
TRANSCULTURAL MUSIC REVIEW

ISSN:1697-0101

[www.sibetrans.com/trans](http://www.sibetrans.com/trans)

SIBE  Sociedad de  
Etnomusicología

TRANS 15 (2011)

DOSSIER: OBJETOS SONOROS-VISUALES AMERINDIOS / SPECIAL ISSUE: AMERINDIAN SONIC-VISUAL OBJECTS

## A música indígena no mundo dos projetos: Etnografia do Projeto “Podáali – valorização da música Baniwa”

Deise Lucy Oliveira Montardo (Universidade Federal do Amazonas)

### Resumo

Nesta comunicação, pretendo tecer algumas considerações acerca da atuação que é solicitada, atualmente, a(o) pesquisador(a) que tem como objeto de estudo a música indígena no Brasil. As reflexões que aqui se apresentam estão centradas em um estudo de caso do Alto Rio Negro, noroeste da Amazônia brasileira, mais especificamente no “Projeto Podáali – valorização da música Baniwa”, do qual participo como consultora de Antropologia. Minha participação no projeto não foi um convite isolado: ele ocorreu no contexto da instalação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia em Manaus, no Norte do Brasil, região eminentemente indígena. Considerando a região e o interesse, por parte das instituições públicas, de pesquisar a cultura indígena, a demanda que o(a) pesquisador(a) recebe é associada diretamente à atuação política, o que remete ao exercício de uma pesquisa compartilhada. O projeto que analiso tratava da situação de uma comunidade peri-urbana de São Gabriel da Cachoeira, Itacoatiara-mirim, criada por famílias baniwa vindas há duas décadas de sua comunidade de origem, Camarão, no rio Ayari. O projeto apresentava como objetivo geral “criar oportunidades para a valorização e transmissão de conhecimentos de músicas e danças tradicionais aos Baniwa residentes em São Gabriel da Cachoeira” e como objetivos específicos “1. construir e equipar uma maloca que sirva [servisse] de espaço de transmissão de conhecimento de músicas e danças tradicionais aos jovens Baniwa na cidade de São Gabriel da Cachoeira e 2. realizar um documentário cinematográfico sobre a trajetória da música e da dança tradicional Baniwa dos últimos séculos a partir da experiência de uma comunidade que vê na valorização desses elementos uma oportunidade de enfrentar os atuais desafios para sua autodeterminação no ambiente do maior núcleo urbano do noroeste amazônico”.

### Palavras-chave

Flautas sagradas, Baniwa, Alto Rio Negro

Fecha de recepción: octubre 2010

Fecha de aceptación: mayo 2011

Fecha de publicación: septiembre 2011

### Abstract

In this paper I focus on the modes of action that are demanded of the researchers that have as their object of study the indigenous music of Brazil. The paper is centered on a case study in Alto Rio Negro, in the northwest of the Brazilian Amazon, and is entitled “Podáali: Project of Valorization of Baniwa music” in which I participate as a consultant anthropologist. The invitation to participate in this was not isolated but happened in the context of the creation of a center of postgraduate studies in anthropology in Manaus, Northern Brazil, a region that is predominantly indigenous. In this context, the demands made upon the researcher are specifically related to the political actions that are part of the exercise of shared research. The project that I analyze presented the situation of the “peri-urban” community (a village near the city) of Itacoatiara-Mirim in São Gabriel da Cachoeira, created by Baniwa families that came two decades ago from their home community, Camarão, river Ayari. The project sought to “create opportunities for the transmission of knowledge and appreciation of music and traditional dances to Baniwa residents in Sao Gabriel da Cachoeira”. More specific objectives include: “1. Construct and equip a maloca or longhouse that serves as a space of knowledge transmission of songs and dances for young Baniwa in Sao Gabriel da Cachoeira and 2. Make a documentary film about the history of music and traditional Baniwa dance of the past centuries from the experience of the community. They see the value of these elements as an opportunity to address the current challenges to their self-determination in the largest urban center of the northwest Amazon”.

### Key words

Sacred flutes, Baniwa, Upper Rio Negro

Received: October 2010

Acceptance Date: May 2011

Release Date: September 2011

Los artículos publicados en TRANS-Revista Transcultural de Música están (si no se indica lo contrario) bajo una licencia Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 2.5 España de Creative Commons. Puede copiarlos, distribuirlos y comunicarlos públicamente siempre que cite su autor y mencione en un lugar visible que ha sido tomado de TRANS agregando la dirección URL y/o un enlace a este sitio: [www.sibetrans.com/trans](http://www.sibetrans.com/trans). No utilice los contenidos de esta revista para fines comerciales y no haga con ellos obra derivada. La licencia completa se puede consultar en <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/es/deed.es>

All the materials in TRANS-Transcultural Music Review are published under a Creative Commons licence (Attribution-NonCommercial-NoDerivs 2.5) You can copy, distribute, and transmit the work, provided that you mention the author and the source of the material, either by adding the URL address of the article and/or a link to the webpage: [www.sibetrans.com/trans](http://www.sibetrans.com/trans). It is not allowed to use the contents of this journal for commercial purposes and you may not alter, transform, or build upon this work. You can check the complete licence agreement in the following link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/es/deed.en>



## **A música indígena no mundo dos projetos: Etnografia do Projeto “Podáli – valorização da música Baniwa”<sup>1</sup>**

Deise Lucy Oliveira Montardo (Universidade Federal do Amazonas)

---

Posso datar o início das minhas reflexões sobre os temas de que trato nesta comunicação em exatos quatro anos, que é o tempo da minha instalação em Manaus como professora de Antropologia na Universidade Federal do Amazonas. Em 2006, foi realizado um concurso público com 10 vagas para a instituição, distribuídas da seguinte maneira: cinco para etnologia indígena, quatro para antropologia social e uma para linguística indígena. Essas vagas foram criadas como uma política pública do Governo Federal, na intenção de diminuir a grande lacuna existente na região norte do Brasil, que sofria (e sofre) de um desequilíbrio muito grande em relação ao sul e sudeste do país no que diz respeito ao número de doutores e de programas de pós-graduação em Antropologia.

A Amazônia tem sido fonte de inspiração para várias áreas da ciência nos últimos cinco séculos, mas o pequeno número de profissionais ali instalados fez com que não se desenvolvesse um centro de pesquisa na área das ciências humanas. Em consequência, buscando minimizar tais lacunas, os objetivos que nortearam a instalação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia foram a formação de recursos humanos no local, a atuação mais direta de pesquisa compartilhada e associada a políticas públicas, assessoria aos pequenos museus e centros de cultura que vêm sendo instalados pelos grupos indígenas e pequenas comunidades no interior da Amazônia (Almeida 2008).

A pesquisa de doutoramento que realizei versou sobre a música guarani, um dos grupos indígenas mais populosos do Brasil, que habita também os territórios da Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. Foi uma pesquisa de campo nos moldes tradicionais: estudei a língua, permaneci em torno de oito meses residindo na área, hospedada nas casas das famílias guarani. Desde então tenho escrito artigos, capítulos de livros e um livro baseado nos dados da pesquisa,

---

<sup>1</sup> A primeira versão deste texto foi lida no Workshop “*Music/Sound and Indigeneity in the Americas – Collaborations/Appropriations, North-South Crossings*”, organizado pelo Centro de Etnomusicologia da Universidade de Columbia, Nova York, nos dias 1 e 2 de outubro de 2010. Agradeço a Ana Maria Ochoa pelo convite. Outra versão foi lida no Seminário “*Paisagens Ameríndias. Habilidades, Mobilidade e Socialidade nos Rios e Cidades da Amazônia*” organizado no âmbito do Procad USP/UFAM/CAPES, no Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), PPGAS/UFAM, entre os dias 17 e 19 de novembro de 2010. A pesquisa da qual trata este texto tem financiamento do Programa de Patrimônio Imaterial do Petrobrás Cultural e do Instituto Nacional de Pesquisa Brasil Plural (Cnpq/FAPEAM/FAPESC).

que tratam, todos, das relações entre a música e a dança desse grupo tupi, envolvendo a sua cosmologia e xamanismo (Montardo 1999, 2000, 2003, 2004, 2006, 2007, 2009, 2010a, 2010b).

O trabalho se desenvolveu no ambiente de pesquisadores reunidos sob a orientação e/ou apoio e acompanhamento do pesquisador Rafael Menezes Bastos, do Núcleo de Estudos sobre Arte, Cultura e Sociedade na América do Sul e Caribe, o Musa, localizado na UFSC. No texto intitulado “Música nas Sociedades Indígenas das Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte”, Menezes Bastos (2007) faz uma revisão das pesquisas nessa região, elenca as características que considera mais notáveis ou hipóteses de trabalho sobre a música nos povos amazônicos.

Ao nos instalarmos em Manaus, eu, assim como a maior parte do grupo, passamos a estabelecer novos campos de pesquisa na região. Fui apresentada à liderança Baniwa André Fernando, que, já no primeiro contato eletrônico, me enviou dois projetos dos quais, segundo ele, um já teria sido encaminhado para obtenção de financiamento e não teria sido aprovado. Ao ler o projeto, fiquei maravilhada, pois o mesmo apresentava a situação de uma comunidade peri-urbana de São Gabriel da Cachoeira, Itacoatiara-mirim, criada por famílias baniwa vindas há duas décadas de sua comunidade de origem, Camarão, no rio Ayari. O projeto apresentava como objetivo geral “criar oportunidades para a valorização e transmissão de conhecimentos de músicas e danças tradicionais aos Baniwa residentes em São Gabriel da Cachoeira” e como objetivos específicos “1. construir e equipar uma maloca que sirva [servisse] de espaço de transmissão de conhecimento de músicas e danças tradicionais aos jovens Baniwa na cidade de São Gabriel da Cachoeira e 2. realizar um documentário cinematográfico sobre a trajetória da música e da dança tradicional Baniwa dos últimos séculos a partir da experiência de uma comunidade que vê na valorização desses elementos uma oportunidade de enfrentar os atuais desafios para sua autodeterminação no ambiente do maior núcleo urbano do noroeste amazônico.”

O projeto previa ainda uma expedição à comunidade de origem, ao Ayari, pois, segundo o texto, “alguns membros da comunidade, principalmente os mais velhos, têm manifestado o desejo de regressar ao Ayari e reencontrar suas flautas. Para alguns talvez isso represente um desejo de despedida, uma última chance em suas vidas de ouvir e fazer ecoar tais sons adormecidos.”

Consultei André sobre a possibilidade de enviar o projeto para o Edital de Patrimônio Imaterial da Petrobrás, que se encontrava aberto em sua edição 2006/2007. Ele autorizou que eu fizesse a submissão, com as alterações que julgasse necessárias. Passei então a adaptar o projeto original (fiquei sabendo, depois, e entendi por que não havia sido aprovado...) às normas do Edital de Cinema da mesma Petrobrás Cultural da edição anterior, para a realização de um filme,

centrado na construção da maloca e na expedição ao Ayari. Nesta ocasião já tinha entrado em contato também com Adeilson Lopes, assessor da organização não-governamental Instituto Socioambiental, que tem trabalhado com os Baniwa já há bastante tempo, na área de assessoria de projetos.

Tomamos, em conjunto, a decisão de colocar como proponente a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), contando já com a criação da Associação Cultural Indígena Casa do Conhecimento (ACICC), de Itacoatiara-Mirim, que seria a executora do projeto. O *máazero* (mestre da maloca) Luiz Laureano da Silva foi o idealizador do projeto, e seu filho Moisés Luiz da Silva tem atuado como gestor, tratando de todos os trâmites burocráticos junto a Petrobrás, FUNAI, e outras instâncias. Após a aprovação do projeto pelo Edital da Petrobrás, o projeto teve, ainda, que passar por aprovação da Lei Rouanet, mecanismo criado pelo Governo Federal para que empresas possam ter parcela de seu imposto de renda aplicado em projetos culturais que constam do cadastro da referida lei.

Quero chamar a atenção, aqui, para as implicações de um projeto cujos proponentes são os próprios indígenas. Neste caso, por exemplo a Lei Rouanet exige a autorização da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para que o projeto possa ser aprovado. O vice-presidente da FOIRN, na época André Fernando, resistiu a solicitar a autorização. Foram escritas várias cartas, evidenciando o paradoxo, por certo ridículo, da situação, o indígena tendo que solicitar autorização para si mesmo. Mas os trâmites burocráticos, que a todo tempo nos remetem aos romances de Franz Kafka, como o “O Castelo” e “O Processo”, foram rapidamente resolvidos com a emissão da permissão da FUNAI.

Nesses quatro anos tive a oportunidade de acompanhar o processo da “casa de conhecimento”, ou maloca de Itacoatiara-Mirim, desde que era, ainda, apenas um projeto com o objetivo de ser um ponto de encontro indígena, uma referência para os povos do Alto Rio Negro quando estão em São Gabriel da Cachoeira, até a sua construção e efetiva realização dos objetivos propostos. A comunidade de Itacoatiara foi contemplada também por intermédio de outros editais, cujas verbas possibilitaram a construção da maloca, inaugurada durante o ano de 2008. Estava na cidade no mês de abril, às vésperas do dia 19, quando se comemora no Brasil o “Dia do índio” e pude, na ocasião, presenciar a pressão exercida pelos órgãos da Prefeitura, através de assessores do prefeito, tendo em vista as comemorações da data, para que a maloca fosse formatada conforme as regras difundidas no curso universitário de Turismo. Eles chegaram na maloca com uma lista de procedimentos que supostamente o Mestre Luis e seus companheiros

deveriam seguir, entre os quais constavam, por exemplo, a utilização de toucas pelas mulheres que fazem a comida e a cobrança de uma taxa de entrada. Mestre Luis e Moisés reagiram, negando-se a adotar as regras propostas, tornando-se efetivamente protagonistas em todo o processo de construção da maloca, pois não deviam nada à prefeitura, de modo que puderam atuar autonomamente. A comunidade de Itacoatiara foi contemplada, já o afirmei acima, em outros editais (Prêmio Cultura Viva, do Ministério da Cultura) e contou com outros financiamentos (Agência Católica para o Desenvolvimento – CAFOD), cujas verbas serviram para a construção da maloca, inaugurada durante o ano de 2008.

Desde então vários eventos já ocorreram na maloca e sempre obtiveram muito sucesso, exatamente como previsto no projeto. A resposta de Mestre Luiz para a Secretaria de Turismo foi baseada na definição de *podáli*, de ritual de troca. Quando viajam pelos rios, chegam na casa dos parentes, comem e bebem. Querem receber os parentes que vêm dos rios da mesma maneira. O processo de construção da maloca foi baseado nesse princípio.

Até aqui aponte os aspectos menos conflituosos do projeto Podáli. Há, porém, um outro que diz respeito às interdições que cercam as flautas *kuwai*, do qual passo a tratar agora. As flautas *kuwai* são correspondentes, entre os Baniwa, das flautas e trompetes do *jurupari*, conhecidos na literatura por serem sagradas, interditas à visão das mulheres e crianças. Koch-Grünberg (2005), em sua expedição pelo Alto Rio Negro, realizada entre 1903 e 1905, ao fotografar e solicitar exemplares destes instrumentos para compor coleções de museus, recebeu como recomendação expressa não permitir, sob hipótese alguma, que mulheres da região vissem o instrumento. É importante ressaltar, no entanto que, as mulheres e crianças devem ouvi-las.

Jonathan Hill, que pesquisa há muito anos os Wakuenái, glosados como “povo com o qual falamos”, na Venezuela, correspondentes aos Baniwa, no Brasil, e que incluem várias fratrias, entre elas os Hohódeni, aos quais pertencem as famílias de Itacoatiara-Mirim, enfatiza em seus trabalhos o papel fundante das flautas e trompetes sagrados *kuwai*, que inauguram os lugares habitados pelos Baniwa (1993). Os Baniwa são falantes da língua da família linguística Aruak e somam no Brasil cerca de 6.200 pessoas. Hill (1993) propõe que neste universo há um amálgama entre mito e música e que na conformação do território há como que um cordão umbilical a partir do começo no Rio Ayari (“O centro do mundo”). Os instrumentos incorporam o poder dos ancestrais míticos e fundam novos lugares que se transformam em território do grupo. Nas palavras de Hill,

a habilidade de produzir sons musicais nos instrumentos sagrados provê homens e

mulheres com o poder de mediar as distâncias sociais entre a masculinidade e a feminilidade adulta e entre grupos de pessoas que falam línguas e dialetos diferentes. Categorias de seres sociais linguística e culturalmente separadas são compreendidas e controladas simbolicamente como uma expansão musical do mundo, dinâmica historicamente (Hill 1993: 22, tradução da autora).

Em outro trabalho Hill explora dois gêneros de cerimoniais inter-relacionados entre os Wakuénai. Em uma das danças coletivas, segundo ele, “linhas de homens e mulheres dançam o abrir e o fechar da boca do jaguar simbolizando o poder do grupo local para controlar relações de troca e casamentos com outros grupos” (2004: 25, tradução da autora). Hill nos mostra, então, como os Wakuénai constroem musicalmente duas dimensões de espaço- tempo, corporal, social e cosmicamente. Traça-se uma linha vertical que trata da relação com os ancestrais míticos e com as passagens dos ciclos de vida e outra horizontal que trata das relações de troca e casamentos, que abrem as relações com “outros”.

*Kwépani* ou a dança de *Kuwái*,

é um processo de continuidade e regeneração social que se segue através de movimentos de poderes ancestrais simbolicamente mediados de uma geração para outra de homens adultos e movimentos complementares de homens individualmente ao passo que eles progridem nos estágios de desenvolvimentos do ciclo de vida (Hill 2004: 26, tradução da autora).

Nesta parte do ciclo ritual mulheres e crianças permanecem reclusas na maior parte do tempo (idem).

No *pudáli*, o outro gênero cerimonial, há a participação de homens e de mulheres e também do grupo visitante, que traz carne moqueada como presente. O grupo visitante é classificado como *afin* (casáveis, ou cunhados). No desenrolar da cerimônia as distâncias entre os grupos locais distintos vão se relaxando, ocorrendo o apagamento das fronteiras entre eles.

Uma característica comum aos trabalhos sobre música e ritual na região – tais como os de Hugh- Jones (1979) sobre os Barasana, Piedade (1997) sobre Yepemasã, Journet (1995) sobre Curipaco e o já citado Hill sobre Wakuenái – é a perplexidade diante da interdição da visão das flautas por parte das mulheres e crianças. Os autores citados, no entanto, atentam para a necessidade da audição das mesmas por parte de todo o grupo.

Paulo Maia Figueiredo, em tese recente sobre os Baré, grupo Aruak do Alto Rio Negro, compara os rituais praticados nessa região por esse grupo com os gêneros identificados por Hill

entre os Wakuenái, traçando correspondências entre duas formas alternadas de sociabilidade. Ele relaciona o pudáli com o dabacuri Baré (mais igualitário e feito na época da fartura) e os rituais de iniciação Kuépani com o Kariamã Baré, feitos na estação chuvosa, época de escassez, com dietas de frutas, em que se enfatizam as relações hierárquicas. Mais adiante o autor propõe que, na atualidade, entre os Baré, as festas de santo tomaram a posição do dabacuri e o dabacuri absorveu os rituais de iniciação, inclusive com a utilização dos instrumentos sagrados. O autor foi iniciado e participou de rituais, os quais descreve detalhadamente, dando ênfase à participação dos instrumentos de sopro sagrados tratados pelos participantes como animais, xerimbabos, que são laçados (2009).

Os estudos sobre esses instrumentos despertam questões relacionadas a gênero e a segredo, temas que pretendo perseguir em minha pesquisa. Em coletânea organizada por Hill e Chaumeil, a ser lançada em 2011, vários autores trabalham a temática das flautas sagradas nas Terras Baixas da América do Sul. Menezes Bastos (no prelo), no volume citado, alerta para o quanto não é fácil nem simples penetrar no universo das flautas sagradas. O autor aponta alguns aspectos dessa complexidade, tais como o fato de que quando se fala em flautas sagradas, se trata, na realidade, de vários instrumentos e não propriamente de flautas. Mas ele chama a atenção, principalmente, para o uso do termo sagrado ou ritual para tratar desses instrumentos. Destaco nessa coletânea também o trabalho de Mello (no prelo), que, ao estudar a música vocal da mulheres Wauja, o *iamurikuma*, nos mostra que os cantos femininos são os cantos das flautas *kawoka*, os instrumentos de sopro sagrados dos Wuaja, dando uma contribuição importante para os estudos de gênero relacionados a esses instrumentos<sup>2</sup>. Piedade (2004), em sua tese de doutorado, explora, entre outros aspectos, o fato de o complexo das flautas sagradas não ser exclusivo das terras baixas da América do Sul, ocorrendo também na Nova Guiné, onde os rituais que as envolvem são considerados uma espécie de menstruação masculina.

Outra temática que o projeto podáli desperta é a questão da conversão ou tradução das religiões cristãs por parte dos povos indígenas. Onde ficaram as músicas, os instrumentos sagrados e tudo o que diz respeito a essas práticas que foram supostamente abandonadas no forte processo de conversão ocorrido entre os Baniwa? E como isso está sendo agora pesquisado por eles? Mestre Luiz e sua esposa, por exemplo, frequentam a Igreja Adventista. O Luiz é um pesquisador, ele

---

<sup>2</sup> Agradeço a Rafael Menezes Bastos e Acácio Piedade, por terem, gentilmente, disponibilizado os textos de Menezes Bastos e de Mello a serem publicados na coletânea "*Burst of breath. Indigenous Ritual Wind Instruments in Low Land of South America*" editada por J. Hill e J-P Chaumeil, pela editora da Universidade de Nebraska.

estuda os conhecimentos da bíblia, estuda com seus parentes aspectos do xamanismo Baniwa, procura visitar museus com acervo da região e traça comparações e paralelos. Dona Luzia, esposa do Mestre Luiz, quando se despede para ir ao culto adventista, diz: “Vou cantar”. A música é um aspecto central na atividade do culto assim como nos rituais “tradicionais” baniwa. Estou colocando “tradicionais” entre aspas na tentativa de não reificar o que é tradicional, mas esta é uma questão em aberto.

Outro debate que vem à tona quando o assunto é patrimônio imaterial é a questão dos direitos de propriedade. O Instituto Socioambiental promoveu entre 2008 e 2009 seminários de discussão envolvendo grupos indígenas que estavam desenvolvendo projetos culturais (Conhecimentos Tradicionais – Inovar para avançar: propondo novas formas de salvaguarda aos direitos intelectuais coletivos dos povos indígenas). A escolha dos grupos se deu conforme a área de atuação da referida organização. A primeira oficina ocorreu em São Gabriel da Cachoeira e teve como foco central o Projeto Podáali (ver <http://ct.socioambiental.org/Itacoatiara/>). Como este é um projeto criado pelas famílias que residem em Itacoatiara-Mirim, houve uma preocupação dos Baniwa, em geral, em relação às flautas *Kuwai*. Foi discutida a pertinência ou não de se filmarem as flautas. Neste item ficou decidido, pelos Baniwa, que qualquer filmagem dos instrumentos seria feita apenas para acervo do grupo. Outra discussão ocorreu em torno da ideia de se trazerem os instrumentos para São Gabriel. A decisão tomada foi a de que as condições atuais não permitem tal transporte. Os instrumentos devem ficar submersos em água limpa, condição na qual se encontram lá no Ayari. Os Baniwa que vivem em Itacoatiara, de tempos em tempos, visitam os instrumentos na comunidade Camarão. Segundo me falaram, de dez em dez anos eles têm feito excursões para verificar o estado dos instrumentos. No projeto de que participamos, a decisão foi fazer uma expedição e um ritual de iniciação, com o uso das *kuwai* e o seu posterior depósito na água, como reza a tradição. Talvez, poderíamos dizer, ainda não seja o momento de trazê-las para São Gabriel, mas, de certa maneira, também é preciso vê-lo, é o momento de atualizar a presença do grupo no mundo.

Em outubro de 2010 foi realizada a expedição para Camarão no Ayari, com sucesso e apoio de quatro comunidades vizinhas que participaram ativamente da cerimônia lá ocorrida. As flautas foram retiradas do igarapé e o seu som ecoou de forma impressionante. As interdições foram cumpridas rigorosamente e os *video-makers* formados na oficina do projeto podáali, Paulo e Moisés, sob a vigilância atenta e severa do pajé Mário Joaquim da Silva da comunidade Pana-panã, puderam somente registrar os sons dos instrumentos sagrados. Os visitantes, mulheres, crianças e



homens adultos não iniciados pudemos ouvir os sons durante a madrugada entre os dias 20 e 21 e na tarde do dia 21. Por volta das três horas da tarde, fomos pegos de surpresa: todos corriam e chamavam com urgência para ir para o mato, pois as flautas estavam vindo. Dona Luzia nos falou de seu medo e corremos para o mato em fila. Durante umas duas horas, ouvimos blocos do soar dos instrumentos *kuwái*. Mais para o final do período passamos a ouvir o soar do *kapeti* (chicote). As mulheres nos chamaram a atenção para o seu som, que foi utilizado por alguns dos adultos presentes.

Seu Luiz se declarou satisfeito com a expedição e com o apoio que recebeu das comunidades vizinhas. No entanto, disse que, como a viagem foi feita muito em cima da hora, não pode preparar todos os elementos necessários para o ritual de iniciação, e que quer retornar à comunidade Camarão no próximo ano para passar uns dois meses preparando o ritual.

Em poucas palavras, diante do fato de que muitas personalidades e o público em geral já passaram pela maloca de Itacoatiara Mirim, fato evidenciado pelo livro de presenças que Seu Luiz sempre atualiza, e tendo presenciado os eventos na comunidade Camarão, nos atrevemos a afirmar que o Projeto Podáli, idealizado por Seu Luiz, está atuando vertical e horizontalmente. Ou seja, eles, os Baniwa que moram atualmente em Itacoatiara-Mirim, estão atualizando suas relações com os ancestrais míticos ao executarem seus instrumentos sagrados, numa relação vertical, e atualizando suas relações com o mundo dos brancos, o que ocorre, também, através da implantação deste projeto. Encontram-se no mundo dos brancos, na cidade de São Gabriel, mas constroem como seu principal objetivo a idealização como reação aos inúmeros problemas enfrentados pelos jovens diante dos preconceitos com os indígenas. É o mundo dos brancos, possivelmente avesso aos indígenas, mas é também o mundo dos brancos dos projetos. Acompanhando ainda as elaborações de Hill, acreditamos também que o Podáli está fundando São Gabriel da Cachoeira como território efetivamente Baniwa, sem abandonar o pertencimento a Camarão no Ayari.

Analisando as performances musicais promovidas pelos Wakuénai na localidade de San Felipe, em 1981, Hill comenta que eles transpuseram os processos indígenas de musicalização das relações entre os grupos afins aos rituais podáli para as relações políticas com os outros povos indígenas do alto Rio Negro e com os brancos, mestiços e comerciantes da região, promovendo uma certa reciprocidade entre o seu próprio grupo e os potencialmente perigosos “outros”. Naquele caso, com uma forte dose de ironia, inclusive diante dos processos de exploração sofridos (1997:153-154), mediante a “musicalização” do outro.

Hill nos fala da “musicalização” do outro como um processo que os Wakuenái promovem. Nesse sentido, nos parece que os Baniwa de Itacoatiara-Mirim, com o Projeto Podáli, a maloca “casa do conhecimento” e a música, estão abrindo e reforçando canais de comunicação e transmissão de conhecimento tanto com os seus ancestrais míticos quanto com o mundo dos brancos. Mas, principalmente, podemos perceber que estão fazendo isso com os outros Baniwa e povos do Alto Rio Negro que têm hoje, em São Gabriel da Cachoeira, um local de referência, onde podem partilhar o caxiri, a música e a dança. Ou seja, está fundado um território Baniwa na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Trabalhar em um centro de pesquisas em Antropologia no centro da Amazônia apresenta os desafios intrínsecos a uma prática de pesquisa colaboracionista. Devo lembrar, porém, que isso é válido para a antropologia realizada junto aos povos indígenas no Brasil, na maioria dos casos. Há uma tradição de atuação dos pesquisadores envolvidos nas causas indígenas. Quando pensamos na música, por exemplo, no caso do Brasil, temos o trabalho de Anthony Seeger com os Suyá do Xingu, que já tem mais de 40 anos de colaboração. Ou Laura Graham (1995), que conta como os jovens Xavante solicitaram suas fitas-cassete para estudarem o discurso dos líderes que já não mais se encontravam ali.

Esses são apenas alguns exemplos de colaborações que têm ocorrido há mais tempo. Na última década, os grupos indígenas têm se interessado em gravar CDs de suas músicas e os pesquisadores são requisitados para atuarem como produtores. Coelho (2004) e Stein (2009) são exemplos de pesquisadores que tematizam e realizam este tipo de pesquisa sobre os Guarani. Mello (2003) e Macedo (2009) são exemplos de pesquisadores que se debruçam sobre e discutem o fenômeno crescente da criação das associações culturais indígenas, Wauja, no caso da primeira autora, e Guarani, no caso da segunda. Recentemente, o antropólogo e indigenista Thay Terry de Aquino, que atua no Acre há várias décadas, declarou em um evento em Manaus, que seus amigos Kaxinawá definem esse interesse da seguinte maneira: “houve o tempo da terra, da batalha pela garantia dos direitos territoriais ameaçados, hoje estamos no tempo da cultura”.

Outro desafio colocado para a Universidade Federal do Amazonas é formular uma política de atuação junto aos povos indígenas e de inserção destes na Universidade. Não se trata apenas de abrir vagas ou criar cursos específicos para eles, mas, sim, de discutir sobre a possibilidade de construção de uma universidade regida por outros parâmetros. E aí entram, na minha opinião, a música, os cantos, as narrativas, que são nas sociedades amazônicas um *archivo* de toda a história e, ao mesmo tempo, sua transmissão.

Apesar das teorias humanistas terem erradicado a centralidade de uma cultura e, por conseguinte, terem colocado todas as culturas como equivalentes, entendidas em suas racionalidades, na universidade brasileira uma barreira de viés evolucionista ainda impera, pois na grande maioria das instituições não há como introduzir o mestre indígena como professor. A linha de pesquisa em Etnomusicologia da Universidade Federal de Minas Gerais levou os pajés Maxacali ao *campus* utilizando a categoria de artista visitante (Tugny 2006, comunicação pessoal). Na Universidade de Brasília estão ocorrendo as oficinas de saberes promovidas por um projeto específico coordenado por José Jorge de Carvalho, em que mestres de cultura popular e indígena vão à universidade ministrar aulas. São iniciativas que estão abrindo o caminho para que a universidade se transforme não somente com a entrada dos alunos indígenas, mas também na sua constituição mesma, ao incorporar a diversidade dos professores e diferentes formas de aprendizagem. Seria entrada distinta para o conhecimento indígena, capaz de transformar a universidade, diluindo-a para que nasça outra.

---

## BIBLIOGRAFIA

Almeida, Alfredo Wagner Berno de. 2008. "Pós-Graduação em Antropologia na Amazônia" in *Antropologia dos Arquivos da Amazônia*, 155-192. Rio de Janeiro: Casa 8 e FUA.

Andrello, Geraldo. 2010. "Falas, Objetos e Corpos: Autores indígenas no alto Rio Negro". *RBCS* 25 (73): 5-26.

Coelho, Luis Fernando Hering. 2004. "Música indígena no mercado: sobre demandas, mensagens e ruídos no (des)encontro intermusical". *Campos* 5: 151-166.

Figueiredo, Paulo Maia. 2009. *Desequilibrando o convencional. Estética e Ritual com os Baré do alto rio Negro (Amazonas)*. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional. Tese de doutorado.

Graham, Laura R. 1995. *Performing dreams: discourses of immortality among the Xavante of Central Brazil*. Austin: University of Texas Press.

Hill, Jonathan. 1993. *Keepers of the sacred chants: the poetics of ritual power in an amazonian society*. Tucson: University of Arizona Press.

\_\_\_\_\_. 1997. "'Musicalizing' the Other: Shamanistic Approaches to Ethnic-Class Competition along the Upper Rio Negro". En *Enchanting Powers. Music in the World's Religions*, ed. Lawrence E.

Sullivan, 139-158. Cambridge: Harvard University Press.

\_\_\_\_\_. 2004. "Metamorphosis: Mythic and Musical Modes of Ceremonial Exchange among the Wakuénai of Venezuela. En *Music in Latin America and the Caribbean: an encyclopedic history*, ed. Melena Kuss, 25-48. Texas: University of Texas Press.

Hugh-Jones, S. 1979. *The palm and the pleiades: initiation and cosmology in northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.

Koch-Grünberg, Theodor. 2005. *Dois anos entre os indígenas, viagens ao noroeste do Brasil (1903-05)*. Manaus: Edua.

Macedo, Valéria. 2009. *Nexos da diferença: cultura e afecção em uma aldeia guarani na Serra do Mar*. São Paulo: PPGAS/USP. Tese de doutorado.

Mello, Maria Ignez Cruz. 2003. "Arte e encontros interétnicos: a aldeia wauja e o planeta". *Antropologia em Primeira Mão*, 54: 4-23.

\_\_\_\_\_. no prelo. "The ritual of *Iamurikuma* and the *Kawoká* flutes". In: *Burst of breath. Indigenous Ritual Wind Instruments in Low Land of South America*, ed. J. Hill & J-P Chaumeil. University of Nebraska.

Menezes Bastos, Rafael. 2007. "Música nas sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul: estado da arte". *Mana*, Rio de Janeiro 13(2). Available from: <http://www.scielo.org/php/index.php> [Consulta: 09 de setembro de 2010].

\_\_\_\_\_. no prelo. "Leonardo, the Flute: On the Sexual Life of Sacred Flutes among the Xinguano Indians". In: *Burst of breath. Indigenous Ritual Wind Instruments in Low Land of South America*, ed. J. Hill & J-P Chaumeil. University of Nebraska.

Montardo, Deise Lucy O. 1999. "Resenha de CD Ñande Reko Arandu - Memória Viva Guarani". *Horizontes Antropológicos* (11): 203-205.

\_\_\_\_\_. 2000. "Cantos, hinos, rezas, danças. Buscando as Categorias Nativas da Música Guarani". *Série Estudos* (4): 27-36.

\_\_\_\_\_. 2003. "O fazer-se de um belo guerreiro - música e dança no jero ky guarani". *Sexta Feira* (7): 34-40.

\_\_\_\_\_. 2004. "Uma antropologia da música guarani". *Tellus* 4(7): 73-92.

\_\_\_\_\_. 2006. "A música como 'caminho' no repertório da música guarani". *Revista Antropológicas* 17(1): 115-134.

\_\_\_\_\_. 2007. "Os caminhos: música e cosmologia Guarani". Em *Línguas e culturas Tupí v. 1*, Org. Ana Suelly Cabral e Aryon Rodrigues, 97-110. 1 ed. Campinas; Brasília: Curt Nimuendajú e LALI/UNB.

\_\_\_\_\_. 2009. *Através do Mbaraka: Música, dança e xamanismo guarani*. 1. ed. São Paulo: Edusp.

\_\_\_\_\_. 2010a. "La música y la danza en la cosmología Guarani". *A Contratiempo - Revista de música en la cultura* 14.

\_\_\_\_\_. 2010b. "Para uma antropologia da música na Amazônia". En: *Amazônia e outros temas. Coleção de textos antropológicos*, ed. Sidney Silva, 103-126. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu amazônico/UFAM. 1 ed. Manaus: EDUA.

Piedade, Acácio Tadeu de Camargo. 1997. *Música yepamasa: por uma antropologia da música no Alto Rio Negro*. Florianópolis: PPGAS/UFSC. Dissertação de mestrado em antropologia social.

Disponível em: <[www.musa.ufsc.br](http://www.musa.ufsc.br)>.

\_\_\_\_\_. 2004. O Canto do Kawoká: música, cosmologia e filosofia entre os Wauja do Alto Xingu. Florianópolis: PPGAS/UFSC. Tese de Doutorado. Disponível em: <[www.musa.ufsc.br](http://www.musa.ufsc.br)>.

Stein, Marília. 2009. *Kyringüé mboráí - os cantos das crianças e a cosmo-sônica Mbyá-Guarani*. PPG em Música da UFRGS. Tese de doutorado.

---

### Deise Lucy Oliveira Montardo

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestrado em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Atuou por vários anos como pesquisadora no Museu de Antropologia da UFSC. Atualmente é professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Autora do livro *Através do Mbaraka: música, dança e xamanismo Guarani*, editado em 2009 pela Edusp. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnomusicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: música indígena, etnomusicologia, música, etnologia guarani, etnologia baniwa e xamanismo.

---

### Cita recomendada

Montardo, Deise Lucy Oliveira. 2011. "A música indígena no mundo dos projetos: Etnografia do Projeto 'Podáali – valorização da música Baniwa'". *TRANS-Revista Transcultural de Música/Transcultural Music Review* 15 [Fecha de consulta: dd/mm/aa]